

Circular

27

Boletim interno dos colaboradores da a.e.f.c.l.

Junho 73

O PERÍODO ELEITORAL: ANTECEDENTES E CONSEQUÊNCIAS.

1.1. SITUAÇÃO GERAL.

Ainda em Fevereiro, começaram alguns colaboradores a levantar a necessidade de se realizarem eleições antes do fim do ano.

Discutindo isso, foi opinião o unânime de todos que não poderíamos continuar por mais tempo a trabalhar com base num programa de trabalhos já elaborado há dois anos.

Havia, pois, necessidade de definir quais as prioridades de trabalho neste momento para que este trabalho fosse adequado à nova situação da faculdade e permitisse por isso o avanço do movimento em direcção à consolidação interna.

Nessa altura, (quase fim do 2º período) a margem de manobra dentro da faculdade apontava-se bastante limitada:

- os cartazes eram arrancados
- as informações nas turnas quase inexistentes
- o improprio não se distribuía à vontade, pois os continuos exerciam grande vigilância tentando detectar quem fizesse qualquer trabalho associativo.

— Por outro lado os colaboradores suspensos não entravam ainda na faculdade, e os estudantes estavam intimidados pelas recentes suspensões e demais manobras repressivas das autoridades.

1.2. PERANTE ISTO, QUE SE DECIDIU FAZER?

Previu-se como fase necessária para quebrar este clima dentro da faculdade a realização de actividades que possibilitassem ao máximo o alargamento das comissões de curso. Actividades que, embora recuadas, originassem

- . o retomar da organização e actuação colectivas.
- . o aumento de confiança dos estudantes nas suas próprias forças para lutarem contra a situação a que tínhamos chegado.

De acordo com isto definiu-se como trabalho a ser estimulado dentro dos cursos:

1) A realização de convívios e actividades desportivas, integralmente preparados pelas comissões de curso.

2) A organização de folhas com base na grande maioria dos estudantes dos cursos (desde a compra do papel e da tinta, passando pela tiragem a stêncil e copiógrafo, até à venda nas turnas práticas.

A par disto:

3) Os problemas pedagógicos que fossem surgindo deviam ser resolvidos, dentro da medida das forças da altura, devendo-se canalizar toda a mobilização no sentido do alargamento das C.C.

4) Nesse mesmo sentido se deveria incentivar a saída de improprio do curso: sempre que eles correspondessem a uma necessidade verdadeiramente sentida pela maior parte dos estudantes desses cursos, e levassen portanto simultaneamente a uma ampla participação na sua feitura e a um aumento de prestígio das comissões por ele responsáveis.

Todo este trabalho começou a ser feito se bem que com algumas deficiências. E uma delas, foi, sem dúvida o facto de se ter de certo modo esquecido a necessidade das eleições.

SUMÁRIO

1. O período eleitoral. Antecedentes e consequências.
 - 1.1. Situação geral
 - 1.2. Perante isto o que se decidiu fazer.
 - 1.3.0 que sucedeu
 - 1.3.1. erros cometidos
 - 1.3.2. pontos positivos do trabalho
2. A importância da nossa autocritica
 - 2.1. Introdução
 - 2.2. a questão das eleições.

Algum tempo depois retonou-se essa discussão e tentou-se definir o modo como o período eleitoral deveria decorrer.

Surgiram aqui diferentes posições:

Partindo todos da necessidade destas eleições havia, no entanto, quem defendesse que a situação na Faculdade não iria permitir a sua realização, como normalmente ela deveria ser entendida.

Ou seja, não havendo, segundo eles, possibilidades de garantir uma participação satisfatória nas discussões do período eleitoral, (tanto pela inexperiência dos colaboradores existentes, como pela não existência de predisposição, da parte dos estudantes para isso), seria preferível discutir apenas nas Comissões de Curso a orientação geral a dar ao trabalho (eleições só para colaboradores).

Em resumo, embora podendo discutir, os estudantes não teriam voto na matéria, relativamente ao trabalho que se iria desenvolver, mas limitar-se-iam a tomar conhecimento do que os colaboradores tinham achado correcto definir.

A outra posição defendia que não. Que era possível, ^{que se podia} com base no trabalho, ^{vir real} ligando na Faculdade, interessar os estudantes por realizações colectivas, quebrar o clima de medo entre os estudantes, prestigiar as formas de organização associativas - as Comissões de Curso.

Nessa medida, e atendendo também a toda uma experiência de trabalho da gente de Ciências durante 3 anos, tornar-se-ia possível o seu interesse pela discussão de um Programa de Trabalho.

Far-se-iam assim sair textos que defendiam a nossa orientação geral em perfeito acordo com os processos e realizações que se fossem levando a cabo. Explicitar-se-ia, em cada caso concreto, a aplicação dessa Orientação Geral à situação da Faculdade.

Deveriam, portanto, ser todos os estudantes a ler e a discutir os textos, a levantar dúvidas, darem sugestões, enfim e em resumo, a darem a última palavra sobre a correcção ou não correcção da linha que defendemos.

Efectivamente estes colaboradores defendiam a posição correcta e elaçacabou por vingar.

1.3 O QUE SUCEDEU

1.3.1 ERROS COMETIDOS

Como já foi dito, apesar disso, certos erros foram cometidos:

1º Muitos processos que poderiam ter sido levados a cabo foram esquecidos, ou foi-lhes dada uma importância absolutamente secundária (por parte de alguns colaboradores). Foi o caso das actividades de convívio, das pequenas tarefas levantadas pelas folhas, de processos pedagógicos - Geologia (curso de Engenharia) e dos mapas de exames.

Aconteceu por isso que, em alguns cursos, o processo eleitoral surgiu desligado de qualquer outro trabalho. Consequentemente apareceu aos olhos desses estudantes com um processo forçado de discussão o que foi um dos factores que ocasionou que as reuniões fossem fracas e a participação fosse pouca. (Casos houve em que elas não se deram a realizar).

2º Outro erro com bastante influencia nos resultados práticos das eleições, foi o de não se ter tido em conta os colaboradores presentes nas várias Comissões de Curso (segundo as suas possibilidades de discussão, o seu estado de consciência em relação à linha de orientação geral, tipo de trabalho que eles têm desenvolvido). E nessa medida a participação de todos os colaboradores novos, regulares ou eventuais, foi mínima ou nula, na maior parte dos cursos, acabando por ficar a cargo dos "mais antigos" no movimento.

3º A altura tardia em que os textos foram apresentados. Foi um erro dos colaboradores a distribuição e responsabilização exclusiva por textos fundamentais de colaboradores poucos experientes em os fazer. Apesar de vistos e criticados em numerosas reuniões, não foi possível que eles viessem a sair convenientemente e a tempo. O resultado foi terem de ser feitos a toda a pressa já em fins de Maio - princípios de Junho.

apenas por alguns indivíduos.

Dever-se-ia, sim ter posto gente nova a colaborar, mas em estreita ligação com a malta mais experiente, e não sózinhos como aconteceu na realidade.

4) O prazo previsto para as discussões e votações foi também diminuto. Não houve tempo para que elas atingissem todos os cursos. Não deu tempo a que os estudantes que tivessem objecções ou explicitações a colocar em relação aos textos apresentados, escrevessem textos de apoio ou de critica, como se tinha definido, tendo todo este trabalho ficado pela exposição oral.

5) O atraso da feitura técnica dos programas foi também um importante contributo para o resultado fraco do periodo eleitoral.

Turnas houve em que não se puderam realizar discussões porque os estudantes ainda não tinham tido oportunidade para ler o que se propunha.

Conclusão:

Toda s estas questões (com principal incidência nas 1 e 2) vêm salientar uma falha importante por parte de alguns colaboradores: o de não estarem ainda a ver c m p do correcto de contribuir para a consolidação interna. A de não termos bem definida a importância das eleições nos moldes definidos para reforçarem o trabalho associativo junto dos estudantes.

1.3.2. PONTOS POSITIVOS DO TRABALHO

Apesar de toda a série de erros cometidos, pode-se mesmo assim considerar que es te periodo eleitoral foi, em determinados aspectos, um contributo importante para o nosso reforço na faculdade.

Soubemos, de certa maneira, aproveitar a decada da repressão lá dentro (os cartazes já não eram arrancados de 5 em 5 minutos, a policia não entrava a torto e a direito lá dentro, etc.):

- o aumento do número de cartazes lá dentro
- a informação mais alargada nas turnas
- a distribuição ~~mais~~ alargada dos inprops e convocação das reuniões
- a realização de várias reuniões amplas e as discussões que lá se realizaram

Em resumo, a transformação do ambiente geral da faculdade que se criou constitui por si um factor de extraordinária importância para o recrudescimento do trabalho tan to a nível de colaboradores como de estudantes. É primordial em relação a uma actividade que ainda pode ser feita no periodo de férias e para a aplicação do programa no próximo ano.

2. A IMPORTÂNCIA DA NOSSA AUTOCRITICA

2.1. INTRODUÇÃO

Reconhecemos os erros cometidos no trabalho perante a grande massa dos estudantes, analisando-os até às suas origens e possíveis cosequências e mostrando que estamos dispostos a corrigi-los, longe de nos desprestigiar e à orientação que dedefendemos, antes pelo contrário contribui para que os estudantes possam aferir da sua corre cção, pois a experiência adquirida depois de analisados e corrigidos os erros, permi tir-nos-à caminhar mais firmes ainda no sentido de alcançarmos os objectivos definidos para o movimento e ganhar o apoio dos estudantes para o trabalho futuro.

Quem segue a orientação justa não deve temer a autocritica, deve antes pelo con trário fomentá-la como método de trabalho a seguir sempre, para que os erros cometidos não possuam apenas a sua face má, mas também uma face boa -- a de aumentarem a expe riência do movimento e simultaneamente despertarem em nós uma constante vigilância so bre o trabalho que fazemos de forma a garantir que ele se não desvia dos objectivos

que com ela pretendemos alcançar.

2.2. A QUESTÃO DAS ELEIÇÕES

Durante o período eleitoral os estudantes puderam claramente perceber-se da altura tardia em que as eleições se efectuaram e das suas deficiências e limitações — o atraso na saída dos textos e programas, o período de tempo relativamente curto destinado às discussões, o número relativamente pequeno de estudantes abrangidos por essas discussões, etc.

Concordar com as críticas justas que nos fazem naquele sentido, reconhecer os erros cometidos, só chama para o nosso lado todos os estudantes honestos e corta as vias aos que deliberado e mal intencionadamente poderão querer aproveitar-se desses erros para desacreditarem toda a linha de orientação.

É nesta medida que se torna importante fazer sair o balanço das eleições. Balanço em que nos autocriticaremos das falhas cometidas neste período, nomeadamente:

- o atraso na saída dos textos e programas de trabalho
- o não termos prolongado mais o tempo das discussões antes das votações, dado que existiam ainda muitos estudantes pouco esclarecidos
- e a interligação entre ambos.